

Violência por parceiro íntimo nos adolescentes: conhecer o fenómeno para intervir

Domingues Fernandes, Maria Isabel¹

Alegre de Sá, Maria da Conceição²

Figueira Veríssimo, Cristina Maria³

Neto Leitão, Maria⁴

¹ Escola Superior de Enfermagem de Coimbra/UCPEMC, Coimbra, Portugal, isabelf@esenfc.pt

² Escola Superior de Enfermagem de Coimbra/UCPEF, Coimbra, Portugal, calegre@esenfc.pt

³ Escola Superior de Enfermagem de Coimbra/UCPEMC, Coimbra, Portugal, cristina@esenfc.pt

⁴ Escola Superior de Enfermagem de Coimbra/UCPESMOG, Coimbra, Portugal, mneto@esenfc.pt

Resumo

Introdução - No último século o estudo da violência tem adquirido magnitude por ser um grave problema que afeta a saúde das pessoas. Recentemente, os estudos tem-se voltado para a VRI entre jovens, denominada violência no namoro. A WHO1 recomenda e realça a importância do desenvolvimento de estratégias de prevenção primária do fenómeno em fases precoces da vida. Importa conhecer a magnitude do fenómeno para definir estas estratégias2.

Objetivo - Determinar a relação entre a frequência da violência por parceiro íntimo e o conhecimento sobre o fenómeno em adolescentes portugueses.

Método - Trata-se de um estudo observacional, transversal realizado com 152 adolescentes, maioritariamente do sexo masculino (63,2%), média etária de 14,9±1,1 anos, a quem foi aplicado um questionário de dados sociodemográficos e o CADRI3.

Resultado - Verificou-se que 93,4% e 92,8% da amostra foi vítima ou perpetrador de algum tipo de violência. A psicológica foi a mais prevalente como vítima ou perpetrador (91,4%). Há diferenças com significado estatístico entre violência física e sexual e, idade e sexo dos adolescentes tanto na vitimização como perpetração, é mais frequente nos mais velhos e nos rapazes ($p<0,01$). Há sobreposição dos vários tipos de violência por parceiro íntimo (44,1% vitimização e 44,7% como perpetrador). Verifica-se correlações negativas entre conhecimento e violência perpetrada e sofrida nas várias tipologias (segundo a CADRI).

Conclusões - Estes resultados orientam para a necessidade dos enfermeiros intervirem com grupos de adolescentes implementando programas que visem o empoderamento destes para a prevenção da violência por parceiro íntimo.

Palavras-chave: Violência por parceiro íntimo; adolescentes; enfermagem; prevenção primária.

Intimate partner violence in adolescents: understand the phenomenon to intervene

Domingues Fernandes, Maria Isabel¹
Alegre de Sá, Maria da Conceição²
Figueira Veríssimo, Cristina Maria³
Neto Leitão, Maria⁴

¹ Nursing School of Coimbra/UCPEMC, Coimbra, Portugal, isabelf@esenfc.pt

² Nursing School of Coimbra/UCPEF, Coimbra, Portugal, calegre@esenfc.pt

³ Nursing School of Coimbra/UCPEMC, Coimbra, Portugal, cristina@esenfc.pt

⁴ Nursing School of Coimbra/UCPESMOG, Coimbra, Portugal, mneto@esenfc.pt

Abstract

Introduction – The study of violence has expanded over the last century because it is a serious problem affecting people's health. Recent studies have analyzed intimate partner violence (IPV) among young people - teen dating violence. WHO¹ recommends and underlines the importance of developing primary prevention strategies for this phenomenon in the early stages of development. It is important to understand the magnitude of the phenomenon to establish these strategies².

Objective – To determine the association between the frequency of IPV and the knowledge about the phenomenon among Portuguese adolescents.

Methods – An observational, cross-sectional study was conducted with 152 adolescents (63.2% of boys) with a mean age of 14.9±1.1 years. A sociodemographic questionnaire and CADRI³ were applied.

Results – The results showed that 93.4% and 92.8% of the adolescents had been victims or perpetrators of some type of violence. Both as victim and perpetrator, the most prevalent type of violence was psychological violence (91.4%). Statistically significant differences were found between physical and sexual violence and the adolescents' age and gender both as victims and perpetrators. Perpetration is more common among older and male adolescents ($p<0.01$). There is an overlapping of the different types of IPV (44.1% as victims and 44.7% as perpetrators). According to CADRI, negative correlations were found between knowledge and the different types of violence (both perpetrated and suffered).

Conclusions – These results point to the need for nursing interventions among adolescents through the implementation of programs aimed at empowering them to prevent IPV.

Keywords: Intimate partner violence; adolescents; nursing; primary prevention.

VIOÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO NOS ADOLESCENTES: CONHECER O FENÓMENO PARA INTERVIR

I - INTRODUÇÃO

A violência por parceiro íntimo é um problema que atravessa todos os grupos socioeconômicos, religiosos e culturais e tem um impacto significativo na vítima, na família e na comunidade. Dependendo da gravidade e da frequência do ato, provoca alterações físicas, psicológicas e sexuais, que influenciam o projeto de vida e de saúde da pessoa.¹ Dados obtidos numa revisão sistematizada de literatura estimam que 30% das mulheres sofreram violência física e/ou sexual perpetrada pelos seus parceiros íntimos, pelo menos uma vez na sua vida. Os agressores mais comuns são parceiros (ou ex-parceiros) íntimos do sexo masculino.¹

Entre os jovens a violência por parceiro íntimo é também um fenómeno comum e transversal a nível mundial² (Caridade, 2008), ocorre nas diferentes culturas e grupos étnicos, quer ao nível da vitimização quer da perpetração, embora com indicadores de prevalência diferentes. A tipologia é variável, sendo a violência psicológica a mais predominante (dos 49% aos 96%). A violência física oscilou entre 7,8% e 59%, enquanto a sexual apresentou índices de prevalência entre 6,5% e 59%. Pese embora estes valores a violência psicológica é frequentemente desvalorizada, o que poderá promover a manutenção de relações abusivas e a provável escalada de maus tratos praticados².

A investigação tem apresentado resultados díspares no que se prende com a prevalência da violência em função do género. Enquanto muitos estudos sugerem indicadores de vitimização feminina superiores à masculina, outros verificam uma prevalência de vitimização maior entre os rapazes e de perpetração entre as raparigas, o que pode significar que as relações de intimidade juvenis apresentam menores diferenças de género comparativamente às relações maritais isto é, os resultados apoiam a tese da paridade no que se prende com este fenómeno².

As experiências de violência por parceiro íntimo, entre adolescentes, têm impacto na saúde física, psicológica e sexual^{3,4}, sendo sugerido nas publicações científicas a construção de medidas de intervenção que apoiem a vivência de relações mais saudáveis e sem violência. Os pais, professores e profissionais de saúde são apresentados como atores de referência para apoiar neste processo, ajudando os adolescentes na compreensão do problema, na superação dos conflitos inter-relacionais e na estimulação de relacionamentos afetivos promotores de bem-estar³.

A intervenção na adolescência ou mesmo em idades mais precoces tem sido recomendada pois, pode levar a mudanças nos comportamentos ao nível das relações de intimidade futuras^{4,5}.

Assim, para se poderem sustentar estratégias de enfrentamento do fenómeno, importa conhecer e caracterizar a violência nas relações de intimidade entre adolescentes e determinar a relação entre a frequência destes comportamentos de violência e o seu nível de conhecimentos sobre o fenómeno. Para tal e tendo como objetivo, determinar a relação entre a frequência da violência por parceiro íntimo e o conhecimento sobre o fenómeno em adolescentes portugueses, foi desenvolvida esta investigação.

II - MÉTODOS

Foi desenvolvida uma investigação em novembro de 2016 com uma abordagem de natureza quantitativa, transversal, descritivo e correlacional com estudantes do 9º ou 10º anos de escolaridade de duas escolas da região centro de Portugal, selecionados por conveniência, a partir dos seguintes critérios de inclusão: ser estudante das escolas definidas; ter idade compreendida entre 14 e 18 anos; ser estudante do 9º ou 10º ano de escolaridade; ter autorização dos pais/ encarregados de educação; e aceitar participar voluntariamente. A amostra ficou constituída por 152 estudantes.

A técnica de colheita de dados pode influenciar o relato da violência vivenciada pelos adolescentes, de acordo com relatório produzido em 2012 pela OMS, a respeito da prevenção da violência perpetrada nas relações de intimidade, pelo que a colheita de dados foi realizada através de um

instrumento anônimo e autoaplicável, favorecendo, assim, o relato de possíveis situações de violência sem que o adolescente tivesse que se expor.

Dessa forma, o instrumento foi constituído por:

- Caracterização de fatores sociodemográficos e familiares e, das relações de intimidade: sexo, idade, nacionalidade, localidade de residência, agregado familiar e nível de escolaridade dos pais e mães, idade de início de relações de intimidade, início de relações sexuais e idade em que as iniciou e, sexo do/a parceiro/a;

- Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro entre Adolescentes (CADRI), adaptado do inventário Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory, dos investigadores Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, Wekerle, Grastey e Straatman⁶ e validado para a população portuguesa, em 2010, por Saavedra⁷. É um inventário dirigido a adolescentes com idade igual ou superior a 14 anos com experiência atual ou passada de relações de intimidade. É constituída por 35 itens – cada um com uma dupla afirmação – que permitem estabelecer a distinção entre o comportamento próprio e o comportamento do/a parceiro/a⁶. Divide-se em duas subescalas uma que avalia estratégias de resolução de conflitos positivas e outra que avalia as estratégias de resolução de conflitos abusivas⁷. Esta última avalia a ocorrência de formas específicas de violência, organizando-as em cinco sub-escalas - abuso sexual, comportamento ameaçador, abuso relacional, abuso verbal e emocional e, abuso físico. Cada item é pontuado de zero (0) a três (3), segundo a sua ocorrência e frequência. A cotação do resultado final é realizada pela soma dos valores obtidos nos itens. Cada subescala pode registar os seguintes valores máximos: comportamento ameaçador = 12; abuso relacional = 9; abuso verbal e emocional = 30; abuso físico = 12; abuso sexual = 12.

- Escala de conhecimentos sobre violência nas relações de intimidade (CVRI-S), dirigida a adolescentes com idade igual ou superior a 14 anos⁸. O conhecimento é tido como uma variável qualitativa nominal e, corresponde aos conhecimentos que os participantes detêm acerca de violência nas relações de intimidade. A variável conhecimento é operacionalizada através de 47 proposições com alternativa de resposta verdadeira (V) ou falsa (F). Cada proposição é pontuada como um (1), para a resposta correta e zero (0) para a resposta incorreta, sendo o score máximo 47 pontos. Considera-se que quanto mais elevado o score obtido, mais elevado o nível de conhecimentos dos estudantes.

III – RESULTADOS

A apresentação dos resultados será iniciada pela caracterização dos adolescentes que participaram no estudo passando depois a apresentar a caracterização do tipo de violência por parceiro íntimo na adolescência para, por fim, caracterizar o nível de conhecimentos que os adolescentes têm sobre o fenómeno. Em paralelo apresenta-se a análise crítica dos resultados à luz das conclusões de outros trabalhos publicados.

O número de adolescentes envolvidos no estudo foi de 152 (tabela 1), sendo que mais de 63,2% são do sexo masculino e residem maioritariamente em zona rural. A média de idades situa-se nos $14,96 \pm 1,1$ anos, sendo o grupo com 14 anos o mais prevalente (36,2%).

Relativamente aos anos de escolaridade dos pais /encarregados de educação verifica-se que as mães estudaram em média $10,32 \pm 3,8$ e os pais $8,77 \pm 3,6$ anos, para um mínimo de 4 e um máximo de 17 anos para ambos os progenitores.

Tabela 1 Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) das características sócio demográficas dos adolescentes. Inclui estatística resumo

Variáveis		Nº	%	Média	Desvio Padrão
Idade (n=129)	13 anos	2	1,3	14,96	1,19
	14 anos	55	36,2		
	15 anos	40	26,3		
	16 anos	19	12,5		
	17 anos	11	7,2		
	19 anos	2	1,3		
Sexo (n=152)	Masculino	96	63,2		
	Feminino	56	36,8		
Anos de escolaridade do Pai (n=133)				8,77	3,97
Anos de escolaridade da Mãe (n=141)				10,32	3,92

A maior parte dos adolescentes namora (ou namorou) com pessoas de sexo diferente, iniciou relações de namoro, em média, com $11,3 \pm 2,8$ anos, sendo esta média (idade do início do namoro) idêntica para ambos os sexos ($U = 1814,5$; $p = 0,599$).

No que se prende com a atividade sexual, os adolescentes do sexo masculino iniciaram mais cedo esta atividade ($13,5 \pm 1,9$), comparativamente às adolescentes ($15,0 \pm 1,5$), não tendo esta diferença significado estatístico. Estes resultados são convergentes com os obtidos noutro estudo com uma amostra representativa da população portuguesa⁹.

Na caracterização das relações afetivo-sexuais, solicitou-se aos participantes que ao responderem o fizessem em função de uma pessoa com a qual tivessem namorado (atualmente ou no passado). A maioria dos adolescentes do sexo masculino respondeu que estava a pensar “em alguém com quem namoro atualmente” (36,1%) e as adolescentes na “última pessoa com quem namorei há menos de um ano” (38,5%). A VRI entre adolescentes foi caracterizada através do Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro entre Adolescentes³ (CADRI), (tabela 2).

Dos participantes do estudo, 93,8% dos adolescentes do sexo masculino e 92,9% das adolescentes referiram perpetrar pelo menos uma das naturezas de abuso / violência mensuradas neste estudo. No que se refere à violência sofrida, 99,0% dos adolescentes do sexo masculino e 96,4% das adolescentes afirmaram ter vivenciado pelo menos uma das naturezas de violência, não tendo estas diferenças significado estatístico. Estes são resultados convergentes com outro estudo³ realizado em dez capitais brasileiras, em que 86,9% dos participantes já tinham sido vítimas e 86,8% já tinham praticado algum tipo de agressão – física, sexual ou psicológica - nas relações íntimas e, 76,6% dos adolescentes tinha sido ao mesmo tempo vítima e agressor. São resultados preocupantes e que nos devem conduzir a intervenções de prevenção primária pois a evidência científica mostra que a ocorrência de violência no namoro se assume como referência para as relações futuras - sendo preditora de violência conjugal^{3,8}.

Os adolescentes que sofreram violência verbal/emocional apresentaram as maiores frequências de perpetração e vitimização. Destacam-se também os elevados percentuais de violência sexual sofrida e perpetrada e de ameaças sofridas e perpetradas, em ambas as situações e tipos de violência. As diferenças têm significado estatístico ($p < 0,01$). As elevadas frequências de perpetração e vitimização na violência verbal/emocional são convergentes com o referido por outros autores¹⁰. O impacto na saúde e bem-estar das vítimas é uma das consequências preocupantes identificadas contudo, também são

apresentadas como precursoras da violência física e sexual na idade adulta ou como um forte preditor de mais vitimização de violência por parceiro íntimo¹¹.

Na tabela seguinte apresentam-se os valores da média e do desvio padrão das subescalas de perpetração e de vitimização obtidos. Há diferenças estatisticamente significativas entre o sexo dos adolescentes em todas as subescalas da violência - perpetrada e sofrida. Em todos os tipos de violência, as médias referentes aos adolescentes do sexo masculino são superiores às das adolescentes o que vem corroborar resultados de que são estes quem mais legitima e tolera a violência por parceiro íntimo¹².

Tabela 2 Médias e desvios padrão de perpetração e vitimização por sexo dos adolescentes e subescalas da CADRI.

		Masculino			Feminino			p
		n	Media	Dp	n	media	Dp	
Violência sexual	Perpetrada	96	5,5	5,4	56	2,8	4,9	,002
	Sofrida	96	5,4	5,4	56	2,6	4,7	,001
Comportamento ameaçador	Perpetrado	96	5,7	5,7	56	2,8	5,0	,003
	Sofrido	96	5,7	5,7	56	2,8	4,9	,002
Violência relacional	Perpetrada	96	4,2	4,3	56	2,1	3,7	,006
	Sofrida	96	4,2	4,2	56	2,1	3,7	,003
Violência emocional	Perpetrada	96	14,3	12,3	56	7,7	10,3	,006
	Sofrida	96	14,2	12,1	56	7,9	10,2	,005
Violência física	Perpetrada	96	5,8	5,7	56	2,8	4,8	,005
	Sofrida	96	5,8	5,6	56	2,9	4,8	,006
Comportamento Abusivo	Perpetrado	96	35,6	33,3	56	18,4	28,6	,011
	Sofrido	96	35,5	32,7	56	18,4	28,3	,005

As frequências de todos os itens de violência relacional perpetradas e sofridas, foram maiores nos adolescentes do sexo masculino do que nas adolescentes, tendo as diferenças significado estatístico.

Os dados obtidos no CADRI também permitiram verificar o número de adolescentes que afirmaram sofrer e perpetrar (simultaneamente) determinada natureza de violência (tabela 3). Assim, entre os adolescentes que afirmaram sofrer ou perpetrar algum tipo de violência, a verbal-emocional foi a mais referida quer pelos adolescentes do sexo masculino, quer pelas adolescentes (88,5% e 85,7%, respetivamente). A violência verbal-emocional foi a única natureza de violência em que não se verificaram diferenças com significado estatístico.

Tabela 3 Distribuição das frequências absolutas (nº) e relativas (%) dos adolescentes que afirmaram sofrer e perpetrar, determinada natureza de violência, por sexo.

	Masculino				Feminino				
	Não		Sim		Não		Sim		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Violência sexual	39	40,6	57	59,4	39	69,6	17	30,4	,001
Violência física	46	47,9	50	52,1	43	76,8	13	23,2	,000

Violência verbal e emocional	11	11,5	85	88,5	8	14,3	48	85,7	,611
Violência relacional	44	45,8	52	54,2	39	69,6	17	30,4	,004
Comportamento ameaçador	43	44,8	53	55,2	40	71,4	16	28,6	,001

Foram determinados os coeficientes de correlação de Spearman entre as diversas subescalas da CADRI, observando-se que há uma correlação muito forte, positiva e muito significativa entre todas as subescalas, sendo que o valor mais baixo é de 0,832 (análise estatística não apresentada em tabela). Isto é, todas as tipologias de violência se relacionam entre si de forma estatisticamente significativa.

Verificamos ainda relação entre as violências sofridas e perpetradas nas relações de intimidade entre adolescentes e a duração (apresentada em número de semanas) dessas relações, por sexo dos adolescentes (tabela 4). Regista-se diferença estatisticamente significativa entre o tempo de duração da relação de intimidade e a violência sexual perpetrada nos adolescentes do sexo masculino. Os que namoravam há mais tempo apresentavam comportamentos de violência sexual quando comparados com os que não tinham esses comportamentos e que apresentavam menor tempo de namoro.

O aumento da duração da relação de namoro parece conduzir ao aumento da intimidade e do compromisso, o que poderá conduzir ao aumento de conflitos, de isolamento e de dependência. Estes são fatores propícios ao surgimento de dinâmicas relacionais pautadas pelo exercício do poder de um/a namorada/o sobre /ao outra/o e a consequente violência⁸.

Tabela 4 Média e desvio padrão da duração da relação de intimidade e a vitimização e perpetração de violência, por subescala da CADRI e por sexo dos adolescentes.

		Masculino					P	Feminino					p
		Não		Sim				Não		Sim			
		média	DP	média	DP			média	DP	média	DP		
Violência sexual	perpetrada	4,8	7,0	6,1	5,3	,044	4,9	6,0	7,7	7,5	,128		
	sofrida	4,8	6,8	6,2	5,5	,073	5,2	5,9	7,4	8,0	,459		
Comportamento ameaçador	perpetrado	4,9	6,7	6,2	5,5	,065	4,9	5,8	8,5	8,1	,127		
	sofrido	5,0	6,7	6,1	5,6	,146	4,7	5,7	9,2	8,1	,052		
Violência relacional	perpetrada	4,9	6,6	6,3	5,6	,075	5,1	5,9	7,9	8,1	,179		
	sofrida	4,9	6,6	6,2	5,6	,165	5,6	6,6	6,6	6,7	,402		
Violência emocional	perpetrada	3,6	4,7	5,6	6,3	,356	8,3	7,6	5,5	6,4	,121		
	sofrida	2,7	1,7	5,8	6,5	,357	7,5	8,3	5,6	6,4	,472		
Violência física	perpetrada	5,0	6,8	6,0	5,5	,147	5,9	6,8	5,7	6,3	,963		
	sofrida	4,9	6,6	6,2	5,6	,088	5,3	6,4	8,1	7,2	,138		

A análise dos resultados da CVRI-S permitem-nos afirmar que as adolescentes responderam corretamente em média, em mais respostas ($35,5 \pm 5,3$) do que os adolescentes do sexo masculino ($30,8 \pm 6,8$), tendo essas diferenças significado estatístico ($U = 1591,000$; $p < 0,001$). De notar que, em 20 dos 47 itens que compõem a escala, as diferenças tem significado estatístico. Contudo, verificamos que as adolescentes que não apresentaram comportamentos de abuso sexual sofrido tiveram um maior número de respostas corretas ($36,4 \pm 5,3$) do que as que referiram ter sido vítimas de abuso sexual ($33,5 \pm 4,8$) tendo estas diferenças significado estatístico ($U = 217,000$; $p = 0,028$). Estes resultados

convergem com os de outros estudos em que as adolescentes apresentam maior percentual de respostas corretas^{8,13}.

As adolescentes perpetradoras de violência demonstraram, em média, menor nível de conhecimentos ($33,4 \pm 5,5$) do que as que referiram não ser perpetradoras ($36,6 \pm 4,8$), tendo as diferenças significado estatístico ($U = 242,500$; $p = 0.044$).

O menor conhecimento sustentado em crenças, mitos ou estereótipos de gênero (tal como a análise dos itens da escala evidenciou) podem ser razões para não identificarem, banalizarem ou legitimarem a violência sofrida e ou perpetrada, aumentando a vulnerabilidade para a sua ocorrência ou mesmo manutenção.

Foi estudada a correlação (teste de correlação de Pearson) entre a frequência das várias tipologias de violência perpetrada e sofrida e o nível de conhecimento, verificando-se que esta é negativa e, tem significado estatístico para a violência sexual sofrida (0.043), e para a violência física perpetrada e sofrida (respectivamente 0,012 e 0,042). Isto é, os adolescentes que têm um menor conhecimento sobre o fenómeno infligem e sofrem mais violência nas suas relações com o parceiro íntimo.

Esta diferença de gênero pode ser explicada, de acordo com outros autores⁷, pelo facto dos adolescentes do sexo masculino serem socializados para uma maior agressividade nas suas relações interpessoais, exercendo ou “consentindo” a ocorrência de comportamentos violentos, tolerando-os e eventualmente banalizando-os.

IV – CONCLUSÕES

Algumas conclusões foram sendo explicitadas, no entanto importa identificar as mais relevantes.

A análise dos resultados permite destacar que mais de 90% dos adolescentes perpetraram ou sofreram pelo menos uma das naturezas da violência e que as maiores frequências tanto de vitimização como perpetração foram apresentados pelos que sofreram violência verbal/emocional.

São os adolescentes do sexo masculino que mais sofrem e infligem violência em todas as naturezas da violência. A duração da relação de intimidade tem relação com a violência sexual que estes adolescentes perpetram.

Estes resultados são preocupantes na medida em que, os adolescentes do sexo masculino demonstram ter, em média, menos conhecimentos sobre violência nas relações de intimidade do que as adolescentes, o que pode ser um fator de risco acrescido para este tipo de violência pois, o conhecimento é fundamental para “ler a realidade” e agir em conformidade.

Assim, o conhecimento sobre VRI parece atuar como um fator protector para a violência sexual nas adolescentes e, em simultâneo, menores conhecimentos sobre VRI são fator de risco para as adolescentes serem agressoras nas suas relações de intimidade.

A convergência dos resultados desta investigação com outros realizados com adolescentes, a nível nacional ou internacional e, o facto não irem ao encontro dos realizados com adultos em que se verifica, uma maior vitimização pelas mulheres e uma maior perpetração pelos homens justifica a necessidade de programas de intervenção centrados nas questões de igualdade de gênero, eventualmente integrando ações direcionadas apenas aos adolescentes do sexo masculino e, outras, às adolescentes. À luz destes resultados e, pelas consequências da violência na saúde e bem estar dos adolescentes, emerge a

necessidade dos enfermeiros intervirem com grupos de adolescentes implementando programas que visem o empoderamento destes para a prevenção da violência por parceiro íntimo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ Organização Mundial de Saúde. Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência. Geneva: World Health Organization; 2012. Available from: http://apps.who.int/iris/bitstream/8665/44350/3/9789275716359_por.pdf.
- ² Caridade SM. Violência nas relações de intimidade: comportamentos e atitudes dos jovens (Tese de doutoramento). Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia; 2009. Available from: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9493>
- ³ Minayo MC. Assis SG. Njaine K. (Org). Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros. [Internet]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; 2011. Available from: <http://books.scielo.org/id/4c6bv>
- ⁴ WHO. Responding to intimate partner violence and sexual violence against women: WHO clinical and policy guidelines. Geneva: World Health Organization; 2013.
- ⁵ Bowen E. Walker K. The Psychology of Violence in Adolescent Romantic Relationships. London: Palgrave Macmillan; 2015.
- ⁶ Wolfe DA. Scott K. Reitzel-Jaffe D. Wekerle C. Grasley C. Straatman AL. Development and validation of the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory. Psychol Assess. 2001 Jun; 13(2): 277-93.
- ⁷ Saavedra RM. Prevenir antes de remediar: prevenção da violência ns relacionamentos íntimos juvenis. (Tese de doutoramento). Braga: Universidade do Minho; 2010. Available from <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14248/1/Rosa%20Maria%20Melim%20Saavedra.pdf>
- ⁸ Leitão MN. Fernandes MI. Fabião J. Alegre de Sá MC. Veríssimo CM. Dixe MA. Prevenir a violência no namoro - n(amor)o (im)perfeito - fazer diferente para fazer a diferença. Coimbra: Escola Superior de Enfermagem de Coimbra; 2013.
- ⁹ Matos MG. Simões C. Camacho I. Reis M. A saúde dos adolescentes portugueses em tempos de recessão – dados nacionais do estudo HBSC de 2014. Lisboa: Editor Centro de Malária e Outras Doenças Tropicais/IHMT/UNL e FMH/Universidade de Lisboa; 2015.
- ¹⁰ Fonseca CC. Violência no namoro e atitudes associadas: estudo comparativo entre adolescentes institucionalizados e adolescentes não-institucionalizados. (Dissertação de mestrado). Coimbra: Universidade de Coimbra; 2015. Available from: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/31902>
- ¹¹ Giovanna L. Taylor A. Bustelo CA. (coord) Adolescent Relationship Violence in Brazil and Honduras. Rio de Janeiro: Promundo, IDB - Inter-American Development Bank; 2017. Available from: https://promundoglobal.org/wp-content/uploads/2017/09/PRO17005_FULLREPORT_layoutproposal_018_WEB.pdf

¹² Moura GA. Violência no namoro e estilos parentais na adolescência: Compreensão das atitudes face à violência nas relações de namoro em adolescentes e a relação com a sua percepção dos estilos parentais (Dissertação de mestrado). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada; 2012. Available from: <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/2280>

¹³ Dixe MA. Fabião J. Prevenir a violência no namoro - n(amor)o (im)perfeito - fazer diferente para fazer a diferença. Coimbra: Escola Superior de Enfermagem de Coimbra; 2013. Capítulo III, N(amor)o (im)perfeito: avaliação de resultados; p. 71-97.